

# A Obra Trágica de Racine

I — A VIDA DE JEAN RACINE

E' Racine uma das mais interessantes personalidades da literatura universal. Escritores cujas obras não são mais que o pálido reflexo da própria vida e outros que têm nelas o espelho sincero da sua existência. Racine, entretanto, não pertence nem a um, nem a outro caso. Apesar de ser considerado o maior trágico francês, tem uma passagem pela terra equilibrada, salvaguardando-a dos grandes dramas.

Em três etapas podemos dividi-la: A Infância, A Glória, O Silêncio.

Nasce Jean Racine, em 1639, na vilasinha de "Ferté-Milon". Desde pequeno, não obstante mostrar-se amante das letras, é tolhido nos seus atos e prenúncios literários.

Até os 16 anos pouco de interessante fez, pois, perdendo a mãe aos 2 e o pai aos 1 anos, tem em uma das suas avós delicada mas incapaz protetora. Porém, com tal idade, segue para "Port-Royal", afim de continuar seus estudos, iniciados no "Colégio Beauvais". Nesta cidade, profundamente católica, sente-se preso pelos cléricos, seus mestres, em suas avançadas idéias. E' permitindo-lhe, apenas, ler aquilo que possuía algo de religioso ou algo de moral. O pequeno Jean torna-se, assim, um náufrago na escola e, sem procurar amigos, vive solitário, lendo escondido os clássicos greco-latinos e as obras em voga da portentosa literatura francesa (Rabelais, Montaigne, Corneille, Descartes etc...). Data, destes recalques infantis, a criação do seu espírito sorrateiro e por vezes falso.

Aos 20 anos faz êle o curso de lógica no colégio de Harcourt. E' lá, graças ao abade libertino Levasseur, que se liberta dos grilhões impostos pelos padres de Port-Royal. Começa, então, a escrever, não, entretanto, segundo o seu gosto, mas sim segundo o gosto do público, quando não versos bajuladores para conquistar a proteção dos grandes.

Os parentes, por êste tempo com o fito de formarem-no em Religião, mandam-no para Uzes, onde depois de alguns estudos êle, sem vocação para tal carreira, abandona a idéia familiar. Recomeça, assim, suas bajulações.

Em 1664 escreve sua primeira obra de vulto: "A TEBAIDA" (Tragédia), obtendo, com o corpo de teatro de Molière, algum sucesso. Une-se, portanto, ao grande comediógrafo. Uma segunda tragédia "ALEXANDRE", em bora fraca consegue êxito; todavia, com "ANDROMACA" (1667) que seu nome espalha-se pelo país e que a glória sorri-lhe.

Principia, neste ano, a fase das vitórias. E', então, que se conhece o verdadeiro Racine. Já não tendo mais necessidade das adulações, irrompe como um foguete no cenário literário francês, atacando todos seus rivais e todos seus antigos mestres. Separa-se de Molière, levando-lhe a amante Du Parc, inferioriza Corneille, velho e cego, faz sátiras e epigramas, enfim, há nele aquela explosão muito natural do recalado.

Porém, seus atos são premeditados, suas amantes em geral suas atrizes, seu respeito com os mais poderosos, ainda, existe, ainda, o temor de ser vencido.

Produz entre 1668 e 1677 seis tragédias de grande valor: "BRITANICO", "BERENICE", "BAJASET", "MITRIDATES", "EFIGENIA" e "PEDRA", além de uma comédia de "OS PEDINTES" (somenas importância).

Eis que, em 1677, o mestre francês emudece subitamente. Quais as causas desta última fase que é a do silêncio? Ninguém poderá responder, talvez o espirito burguês o faz julgar-se na idade do repouso, talvez o misticismo de que se imbuuiu, talvez o próprio casamento com Catherine de Romanet, que, não obstante ter dado-lhe 7 filhos, jamais teve a curiosidade de ler as tragédias do marido, ou talvez existam outras razões que desconhecemos.

Nestes 22 anos de retiro, escreveu apenas: "Ester" e "Atalie" (Teatro) e "Abreviado da História de Port-Royal"

A 21 de Abril de 1689, morre ao mesmo tempo que morre a brilhante França do século XVII, sem discipulo, sem rival, sem sucessor...

Yves Gandra da Silva Martins

A

CIVIL

12/10/52

A Cida

# A Obra Trágica de Racine

Em "A TEBAIDA" OU "OS IRMÃOS INIMIGOS" em 1664, com apenas 23 anos, compôs Racine "A TEBAIDA", sua primeira peça teatral, que foi representada pelo corpo teatral de Molière no Palácio Real de 20 de Junho a 18 de Julho do mesmo ano.

Desde o momento que abandonara a ideia de "Ser padre, dedicou-se, com grande afincio, a feitura de seus versos. Vindo de "PORT-ROYAL" para PARIS, cheio de esperanças após dois anos de vã espera, trouxe arquitetado o plano de toda a antiguidade. Este, muito embora fosse o jovem literato admirador de Sófocles, foi tirado de Esquilo em "OS SETE CONTRA TEBAS" e de Eurípedes em "OS FENÍCIOS". Em rápido resumo, o trecho é o seguinte:

"Com a morte de Édipo, que como um parricida casou-se com a própria mãe, o trono de Tebas ficou livre, sendo, então, cobiçado pelos seus dois filhos, Eteocle, o mais jovem, apodera-se do cetro e Polynices revolta-se contra esta injustiça, tomando armas contra o novo rei, Jocasta, mulher de Edipo, Antígone, irmã dos dois, ambiciosos, e Emon, filho de Creon, buscam apaziguá-los. Não conseguem, por Creon, tio dos lutadores, incitadas na luta, desde que almeja o trono. Eteocle e Polynices morreram em combate, Emon tentando separá-los, Jocasta e Antígone, suicidam-se e Creon enlouquece".

Racine, na época que escreveu a peça, não era ainda, um poeta de grandes méritos, isto é, apenas luziam nele algumas centelhas de gênio. Assim sendo, apesar da grandiosidade sublime do assunto, seus versos nem sempre estão a altura daqueles que vria a fazer mais tarde, com enredos menos dramáticos. Todavia, em três cenas diversas, a delicadeza de seu espirito desponta em lindíssimas estrofes.

Primeiramente é a cena I do segundo ato. O interlúdio amoroso de Emon e Antígone é recoberto de tanta nobreza que o leitor queda comovido perante o cruel destino, que assim tombou sobre tão retilineas personagens.

A segunda cena de grande arquitetura métrica e espírito péptico é a terceira do quarto ato. Heroica e movimentada, nela aparecem Jocasta, Emon, Antígone, Eteocle e Polynices. Os dois irmãos, imersos no ódio e não ouvindo as súplias da mãe e da irmã, degladiam-se por injúrias. Enfim, como fecho deste quadro, dolorosas palavras colocou Racine nos lábios de Antígone, quando ela, dirigindo-se para Emon, lhe pede ajuda:

"Ah ! généreux Hémon, c'este vous seul que j'implore  
Si la vertu vous plait, si vous m'a mez encore,  
Et qu'on puisse arrêter leurs parricides mains,  
Helas ! pour me sauver, sauvez ces inhumains."

Por fim, a quarta cena do quinto ato é quase catânica, pois, Creon tendo filhos, sobrinhos e irmã mortos, sente ainda força para tentar despertar as simpatias de Antígone. Interpelado, então, por seu escravo, que resta triste das desgraças sucedidas, por que razão não se acazrunha com a morte dos filhos, responde:

"Le nom de père, Attale, est un titre vulgaire:  
C'est un don que le ciel ne nous refuse guère.  
Un bonheur si commun n'a pour moi rien de dous:  
Ce n'est pas un bonheur, s'il ne fait les jaloux,  
Mais le trône est un bien dont le ciel est acare;  
Du reste des mortels ce haut rang nous sépare."

A primeira cena é lírica, a segunda heroica, a terceira diabólica; a primeira causa-nos piedade, a segunda admiração, a terceira ódio; enfim, na primeira choramos, na segunda silenciamos, na terceira revoltamos-nos.

São estas três cenas os pontos altos do estro poético ainda veratil de Racine em "OS IRMÃOS INIMIGOS."

Não sendo "A TEBAIDA" nem decididamente natural como viriam a ser "BERENICE", "BAJASET" ou "ANDROMAC", nem sublimemente heroica como o foram "LE CID", "HORACE" e "CINNA" de Corneille, é, entretanto, uma obra de grande valor e de muito refinamento e que foi o passo inicial daquele trágico considerado, senão o mais profundo, ao menos o mais humano da era moderna.

Yves Gandra da Silva Martins

"A

CIDADE"

19

10

52

# A Obra Trágica de Racine

III — ALEXANDRE, O GRANDE

A segunda tragédia de Racine, escrita em 1665 e representada a 4 de Dezembro do mesmo ano no palácio Real pelo teatro de Molière, é talvez a mais fraca de quantas compôs. Muito embora Saint-Evremond escrevesse: "Depois de ter lido o grande ALEXANDRE, a velhice de Corneille causa-me menos alarmes e eu não temo mais ver acabar com êle a tragédia", esta peça é falha e tão falha que não chega a comover.

Na obra teatral de Racine três são seus pontos baixos; inicialmente a comédia "OS PEDINTES" e depois "ESTER" e "ALEXANDRE". Esa última mais que a primeira, por que não possuía ainda Racine, por êste tempo, nem uma cultura em ciclopédica e nem o domínio do artesanato métrico.

"ALEXANDRE" é uma tragédia, ou melhor um drama histórico dedicado ao rei, cujo assunto foi tirado de Quinto Curcio e Plutarco. A história seria mais ou menos esta:

"Alexandre, o grande, rei da Macedônia, apaixonou-se, quando de sua campanha nas Indias, de uma princesa chamada Cleófila, irmã de um rei, Taxile. Este rei, por sua vez, está apaixonado de uma rainha, Axiane, que ama Porus, imperador de uma parte das Indias. Ora, gostando Alexandre de Cleófila e sendo correspondido e gostando Axiane de Porus e sendo correspondida, é evidente que um destes 5 personagens tem que deca parecer e êste é Taxile, morto por seu rival. O drama, que se desenvolve cansativamente, possui um final quase feliz com uma união dos casais. Seria inteiramente feliz se o poeta, em lugar de cobrir Taxile com uma atmosfera de infelicidade e de homem batido pelo destino, o tivesse coberto com o manto da perversidade. Mas, enfim, era necessário haver uma morte para justificar o nome de tragédia, a qual deveria chamar-se, então, TAXILE, O DESGRAÇADO".

Analisando historicamente a obra, temos, como bem disseram os contemporâneos de Racine, uma deturpação da figura de Alexandre, que é apresentado "sem gênio, sem humor, sem qualidades". Ora, desde que se sente uma falsa personagem principal, logicamente sofrerão as outras do mesmo mal, pois não deverão quebrar a unidade da peça articulada sobre tal figura. Procurando contrabalançar esta falha, THIÉRRÉ MAUINIER desculpa o mes-

tre francês, dizendo que êle nada mais fez que tornar romântico um assunto quase árido e sendo, portanto, original, originalidade esta aqui preludiada e que se fará sentir em "ANDROMACA" e "FEDRA". Em todo o caso, esta desculpa não, atenua a deturpação histórica.

Literariamente falando, poucos atrativos possui "ALEXANDRE". Obra mais delicada que sublime, mais trabalhada que espontânea e mais calma que trágica, deixa o leitor em todo o seu transcorrer na expectativa de um lance dramático, que mude o curso monótono do enredo. Lamentavelmente êste lance, quando aparece, é tão curto e tão tardiamente lançado que não causa entusiasmo.

A sexta cena do terceiro ato é o único ponto alto desta 2.ª peça. Racine, que sempre fora admirador profundo dos conflitos do coração, faz desta cena um quadro que se não é divino, longe disto não está. Principalmente os versos ditos por Cléfila a Alexandre, em resposta as glórias passadas, presentes e futuras que êste conquistador colocava a seus pés em trôco de seu amor, são lindíssimos.

"Mais, Seigneur, cet éclat, ces victoires, ces charmes Me troublent bien souvent par de justes alarmes.

Je crains que satisfait d'avoir conquis un couer, Vous ne l'abandonniez à sa triste langueur;

Et peut-être, au moment que se grand coeur soupire, La gloire de me vaincre est tout ce qu'il desire".

Quanta verdade!

O drama "ALEXANDRE, O GRANDE" resta no cenário teatral raciano como um ponto obscuro e entre as tragédias que o circundam, que são "A TEBAIDA" e "ANDROMACA", mais parece um vale entre montanhas.

YVES GANDRA DA SILVA  
MARTINS

"A CIDADE"

26/10/52

# A Obra Trágica de Racine

## IV — ANDROMACA

"Andromaca" é a primeira obra prima do mestre francês. Foi lançada dois anos após a apresentação de "A Tebaida" e de "Alexandre", sendo que sua encenação inaugural teve lugar nos aposentos da rainha, no dia 17 de Novembro de 1669. Logo depois o "Hotel de Bourgogne", com a amante do poeta, tomou sob sua tutela as representações desta 3.ª tragédia.

Muito embora Homero e Eurípedes tenham inspirado a Racine, foi de Vergílio que êle tirou a justa cor da peça, além do tom de sua heroína, da atmosfera de fidelidade ao passado e do melancólico lamento defronte tão tocante destino. O enredo é o seguinte:

"Incendiada Troia, Pyrro, chefe grego, matador de Priano, filho de Aquiles, rei de Epiro e noivo de Hermione, filha de Helena com Menelao, tomou como escrava a mulher do morto Heitor, Andromaca, e trouxe-a para o seu pequeno reino. Desde o primeiro momento que a viu, entretanto, concebera por ela violenta paixão e, malgra do prometido a Hermione, que o amava loucamente, quer, não medindo as consequências, casar-se com a bela troiana. Esta, todavia, amava seu marido e adorava seu filho, que trouxera consigo. Casar-se com Pyrro simbolisaria profanar o amor de Heitor. Não aceitar a proposta seria a morte do filho ou a perda de seu futuro. Que fazer? Entra, nesta altura, em cena um terceiro personagem, Orestes, filho de Agamenon, que ama Hermione. Fecha-se com êste descendente de heroica raça a cadeia para o desenvolvimento da tragédia. Orestes ama Hermione, Hermione ama Pyrro, Pyrro ama Andromaca e Andromaca ama Heitor. Andromaca, então, pelo profundo amor que devota ao filho, casa-se com Pyrro. Hermione num acesso de cólera, supplica a Orestes a morte do amado e êste minutos após as bodas, o assassina. Andromaca persegue Orestes, que vê, em pleno delírio, Hermione suicidar-se junto de Pyrro. Pylade, amigo do assassino, ajuda-o a fugir".

Esta é a história em que uma figura desponta terna, complacente e elegiaca, e em que as outras debatem-se em conflitos passionais. As desgraças de Troia, o cativoiro

das mulheres frigas, o impiedoso rancor contra os sobreviventes vencidos e a quase decadência grega são em rápidas pinceladas o fundo do triste drama que Racine tão bem descreveu. Andromaca disputa o filho,

"Le seul bien qui lui reste, et d'Hector e de Troie".

Das garras dos vencedores, Hermione odeia-a por ser amada de seu amado. Pyrro, entre as duas, é a vítima pois nada ganha de uma e da outra o ódio ganha. Orestes, por fim, perde o amigo, a adorada e a honra.

Apesar de no prefácio a "Andromaca" ter dito Racine que escrevera Aristóteles, dever a tragédia não possuir nem heróis perfeitos, nem vilões desmedidos, por que a morte do herói perfeito causa rancor e não acobramento, e a morte do vilão desmedido causa prazer e não piedade, criou êle, se não vilões desmedidos, ao menos uma heroína perfeita. Para dar maior calor ao drama, aumentou a existencia de As tyanax, filho de Heitor, que vive mais do que viveu.

Já que falamos a respeito da tecitura da peça, falemos por alto da forma poética. No mínimo umas 12 cenas possuem versos dos mais formosos e puros. Neles as paixões são de tal maneira delicadamente, mas com realidade, descritas, que quase nos levam ao pranto. O amor conjugal, maternal e passional são as três coradas tangidas constantemente e que constantemente causam admiração. De todos os quadros, porém, o mais trágico e dolorido é o do delírio de Orestes, quando sabe da morte de Hermione, e cujos mais belos versos são:

"Quoi? Pyrrhus, je te rencontre encore?

Trouverai-je partout un rival que j'abhorre?

Percé de tant de coups, comment t'es-tu sauvé?

Tiens, tiens, voilà coup que je t'ai réservé

Mais que vois-je? A mes yeux Hermione l'embrasse?

"Elle vient l'arracher au coup qui le menace?

Dieux! quels affreux regards ele jette sur moi!

Quels demons, quels serpents traîne-t-elle après soi?"

"Andromaca" é uma coluna da literatura universal que não se abala com a passagem das escolas e dos séculos.

"A

CIDADE"

2 - 11 - 52

De Tácito tirou Racine o assunto de sua 4.ª tragédia e segunda obra-prima, denominada "BRITÂNICO". Em 1669, ano de sua primeira representação, mostrou-se o público parisiense tão frio com esta peça, que apenas foi elogiado o trabalho admirável dos artistas. Os partidários de Corneille, presentindo já a decadência do velho ídolo junto a maior força, ao maior estro e ao maior lirismo de Racine, começaram a incitar os amantes do teatro contra o novo trabalho do poeta. O rei, contudo, admirando a encenação da obra, quebrou o gelo que a circundava.

"BRITÂNICO" é a mais querida das tragédias racinianas e por ser uma das mais trágicas é talvez a mais acessível. Seu assunto, girando em torno de intrigas de gabinete, (de muito assemelhava-se à corte francesa de Richelieu e Mazarin) é o seguinte:

"Britânico, jovem príncipe, filho do imperador Cláudio, ama Junia sobrinha, de Augusto, sendo correspondido. Nero, que embora ainda mal não se apresentasse, mas mal já fosse apaixonado-se perdidamente pela formosa patriciã. Agripina, mãe de Nero, almejando o trôno e vendo tetos desejos dissipados pelo filho, busca derrubá-lo por intermédio do jovem Britânico. Entre êsses personagens, dois confidentes, um bom (Burro) e outro mal (Narciso), dão vida ao entrecho. Nero como imperador, apesar de irmão de Britânico, transporta Junia para o palácio real e, fingindo falsos zelos pelo nobre rapaz, convida-o para um banquete. Este, ainda criança, não conhecendo a maldade da corte, aceita e é assassinado por Narciso sob ordens de Nero. Junia desesperada recolhe-se ao templo das sacerdotizas de Vesta e Nero, desvairado pelo amor, vê Narciso tombar aos golpes da população ofendida por mais uma morte. Personagens caladas dêste final de drama, Agripina e Burro recebem estoicamente o crime, sendo que êste aos céus pede que seja tal assassinato o último dos de Nero."

Racine, ao urdir esta história, é já poeta maduro e conhecedor profundo do teatro, razão por que a obra é notável. Seus personagens não são nem heróicos como ANDROMACA, nem menos maus como PYRRO, HERMIONE, ou ORESTE. Se na tragédia anterior a personagem chave é mais sublime que a da atual, na atual as personagens más são piores qua a da anterior. Britânico e Junia causam compaixão, Nero e Narciso ódio, Agripina e Burro ficam sem provocar grandes sensações aos expectadores. Um é mais querido e êste é Burro.

Muitos fanáticos defensores de Corneille reputaram

de artificial o ambiente romano tão bem descrito em "CINNA" e "HORACE". Atacaram, ainda, o fato de ter Britânico sido assassinado aos 15 anos e não aos 17 como o fez Racine, de Nero não ser tão mau no início de seu reinado e de não aver verdade na apresentação de Junia. Defendeu-se, em seu prefácio, com brilho o trágico poeta, dizendo que artificialidade, não, poderia haver nas histórias e ambientes descritos por um romano sisudo e honrado, como o foi Tácito, e êle seguindo religiosamente as pegadas do mestre não poderia ter errado tanto; disse ainda, que se de dois anos aumentara a vida de Britânico fizera-o porque também alguém colocara sobre um trôno um rei durante vinte anos, rei êste que apenas reinara 8 anos; (Era Corneille êste alguém) continuando disse que Nero pelo simples motivo de envenenar o irmão, mal demonstrou-se e como a tragédia passa-se no dia da morte de Britânico há já sadismo nos gestos do imperador e, por fim, acabou dizendo que Junia era uma personagem real que poderia ser encontrada nos "ANAIIS" de Tácito.

Depois desta defesa silenciaram os atacantes de "BRITÂNICO".

A arquitetura métrica da tragédia é mais perfeita talvez que em "ANDROMACA", embora esta afirmação seja bastante ousada e mais suscetível ao gosto de cada leitor. Novamente no mínimo uma dezena de cenas possuem valor e entre elas destaca-se a da declaração de Nero a Junia e sua recusa, a em que Burro conta à Agripina a morte de Britânico e a última em que Albina, aos dois personagens intermediários, narra a desdita de Nero. Na primeira os mais belos versos são aqueles em que Junia e Nero diz de seu amor para com Britânico.

"J'aime Britannicus. Je lui fus destinée

Quand l'empire devait suivre son hyménée.

Mais ces mêmes malheurs qui l'en ont écarté, Ses honneurs abolis, son palais déserté,

La fuite d'une cour que sa chute a banie, Sont autant de liens qui retiennent Junie.

Britannicus est seul. Quelque ennui qui le presse

Il ne voit dans son sort que moi qui s'entéresse,

Et n'a pour tous plaisirs, Seigneur, que quelques pleurs

Qui lui font quelque fois oublier ses malheurs."

Quanto lirismo!

"BRITÂNICO" foi a segunda da série de 6 obras primas consecutivas escritas por Racine.

Yves Gandra da Silva  
Martins

"A

CIDADE"

9

11

52

# A Obra Trágica de Racine

VI — BERENICE

Diversas são as tradições, que atribuem a origem de Berenice a caprichos, e das mais interessantes são as que foram forjadas pelas intrigas na corte. Conta-se, talvez seja uma versão um pouco romanceada, que uma princesa real, duquesa de Orleans e cunhada de Luís XIV, teria propôsto a Corneille e a Racine, em épocas paralelas, a composição de uma tragédia sobre Tito e Berenice, não somente para pôr em confronto os dois gigantes do teatro francês, como também para lembrar duas vezes, com tão ilustres poetas, o caso amoroso de suas uniões extracônjugais com o rei. É bem possível que seja esta a verdade, entretanto julga a crítica que são os amores de Luís XIV e Maria Mancine o verdadeiro trama que se acha figurado nesta obra e sobretudo na de Racine, em que Berenice, em determinado quadro, diz a Tito:

“Vous êtes empereur, Seigneur, et vous pleurez”, assemelhando-se ao que a sobrinha de Mazarin disse para seu real amante:

“Vous n’aimez, vous êtes roi et je pars”.

Enfim, qualquer que tenha sido a causa destas composições, sabe-se de certo que a apresentação da de Racine fez-se oito dias antes que a de Corneille, no Hotel de Bourgogne, com uma amante do poeta, LA CHAMPMESLE, e que obteve maior sucesso que a de seu rival.

Após estas primeiras apresentações, “BERENICE” nunca mais, até 1.893, alcançou êxito, muito embora artistas de nome a tenham representada, como Adrien Lecouvreur, Mlle. George et Rachel. Naquela data, entretanto, com Julia Bartet impôs-se novamente como uma tragédia do repertório universal.

“BERENICE” é a mais raciniana das tragédias de Racine sempre contrapõe-se a Corneille pelo tom profundamente humano com que imbuiu suas obras em contraste com a extrema hercificidade das peças daquele. Assim sendo, são nos idílios simples e comovedores que mais acentuadamente mostra-se o gênio do

mestre francês. Ora, “BERENICE” é uma tragédia de enredo simples e elegíaco, que talvez em todo teatro clássico não exista nenhuma outra que se lhe compare em singeleza, e, portanto, está no espírito do autor.

“Tito, imperador romano, ama Berenice, rainha da Palestina, sendo correspondido. Deseja desposá-la. Pede, então, ao seu amigo Antioço, rei de Comagene, para que a trouxesse à Roma. Antioço traz Berenice à capital do Império e, momentaneamente amá-la profundamente, só lhe confessa esse amor quando está finda sua missão e Berenice entregue a Tito. Todavia Roma interpõe-se ao casamento de Tito e este, que gostaria de perder o trôno pela dinastia, não o faz para não ser considerado traidor da pátria. É, neste momento, que se chega ao “climax” da tragédia: Tito amando Berenice, com lágrimas nos olhos, pede-lhe para partir. Berenice amando Tito, compreende a situação e, em um gesto de divina abnegação liberta o imperador de sua promessa. Antioço, que tudo assistira e não obstante não ter escondido seus sentimentos nem a Tito, nem a Berenice, aceita tudo sem revolta, heroicamente. As palavras ditas-lhe pela rainha são lindas e encerram todo o trama da história:

“Prince, après cet adieu, vous jugez bien vous-même

Que je ne consens pas de quitter ce que j’aime,  
Pour aller loin de Rome  
écouter d’autres vœux.  
Vivez, et Faitez — vous un effort généreux.

(continua)

## Obra Trágica de Racine

(continuação)

Sur Titus et sur moi réglez  
votre conduite.

Je l’aime, je le fuis: Titus  
m’aime, il me quitte.

Portez loin de mes yeux  
vos soupirs et vos fers.

Adieu: servons tous trois  
d'exemple à l'univers  
De l'amour la plus tendre  
et la plus malheureuse  
Dont il puisse garder l'histoire  
douloureuse.”

Que lirismo, que delicadeza, que verdade. Nesta tragédia existem três personagens e cada um deles consigo todas as qualidades necessárias a um herói. Todos são bons, todos são honrados e todos são heroicos, mas o poder do estado cha-

ma-se aos seus lugares e eles magoados nas profundezas de seus seres, porém sem atitudes diminutivas, taciturnamente, heroicamente, sublimemente aceitam tal destino!

É “BERENICE” a mais sentimental tragédia de Racine, sentimentalismo este que não chega nem a extrema frialdade dos trabalhos clássicos, nem ao intenso piequismo das obras românticas. Foi este sentimentalismo moderado, quase divino, que fez de Racine o trágico mais lido e de “BERENICE” a mais lida de suas tragédias.

Yves Gandia da Silva  
Martins

A

CIDADE

15

91

52

# A Obra Trágica de Racine

VII — BAJASET

La Champmeslé no papel de Atalide e seu marido no de Bajaset apresentaram pela primeira vez, em 1672 no Hotel de Bourgogne, a 6.ª tragédia de Racine, intitulada "BAJASET", que, malgrado o fraco desempenho de seus artistas, obteve amplo sucesso. A crítica, todavia, dos eternos inimigos gratuitos do poeta fez-se ouvir mais uma vez. Qual seria o motivo? Simplesmente o fato de ter o mestre pôsto em cena uma história recente, sucedida 30 anos antes da 1.ª representação. Teriam os críticos razão ao menos agora ou ainda agora seriam massacrados? É o que veremos neste artigo.

O enredo da peça fôra dos últimos acontecimentos da guerra turco-persa e é passado em Constantinopla, sendo o seguinte:

"Amurat, sultão e imperador otomano, estava invadindo a Persia por meados do século XVII e, por conseguinte, fora da capital. Tinha, entretanto, antes de sua saída, escolhido como sultana a bela Roxane, que ficou sendo a verdadeira senhora da mais bela cidade turca. Amurat temia, porém, seu irmão Bajaset, que na sua ausência poderia usurpar-lhe o trono, mas não querendo matá-lo abertamente deixou à Roxane ordens para que o mandassem executar assim que elle entrasse no Serralho, no dia em que o príncipe fosse satisfazer seus desejos carnaes. Colocou, pois, Bajaset no palácio principal, por que desta forma difficilmente o condenado poderia salvar-se da pena de morte. Roxane, contudo, apaixonou-se pelo oanhado e resolveu oferecer-lhe o trôno, caso casasse-se elle com ella. O irmão de Amurat infelizmente amava uma sobrinha do sultão, que por sua vez era amada pelo grande vizir Acomat. Roxane veio, durante o transcorrer da ação, a saber do amor de Bajaset por Atalide e plena de ciúmes, embora também instigada pelo vizir, mandou assassinar o amante, mas não podendo dominar sua dor, suicidou-se. Atalide, conhecendo as tristes novas, morreu."

Eis o enredo que tanta discussão occasionou. Criticaram uns a atualidade da peça, que deveria ser clássica, inspirada, portanto, em motivos antigos. Defendeu-se Racine, dizendo que Esquillo escrevera uma tragédia, cuja personagem principal era viva, quando da primeira apresentação, e convenceu. Criticaram outros a verdade histórica, que julgavam falsa. Defendeu-se Racine, dizendo que a história deste drama, se bem que ainda não escrita em livro algum, é verdadeira e disto o Conde de Cezy embaixador francês em Constantinopla durante o reinado de Amurat, poderia assegurar. Criticaram, por fim, alguns as personagens turcas, que diziam ser francezas vestidas de habitos otomanos e o enredo desta peça, que diziam ser o da vida de Catherine de Médicis ou de Cristina da Suécia, as quais mandaram matar seus amantes, quando estes as deixaram. Defendeu-se Racine, dizendo que seu enredo é baseado nos romances e peças da época e que nunca poderia procurar na própria Europa uma tão misteriosa e sanguinária tragédia, nas pela primeira vez

não convenceu, porque todos os escritos em que se baseara, eram falsos e a história de Cristina ou Catarina eram falsos e a história de Cristina ou Catarina eram bem claras para ser cobertas por um manto oriental, que seria apenas o do cenário. Ainda mais, ao dizer Racine ter ido buscar o tema na Turquia, em virtude da tragédia sanguinária da história, contrariava o que dissera um ano antes em "BERENICE".

Não há necessidade de sangue e mortos em uma tragédia, basta que a ação seja grande, que os autores sejam heróicos e que as paixões sejam excitadas. "A Idéia estava patente. Quiseram apresentar um assunto do tempo, mas temendo consequência cobrira a verdade com o diáfano manto da fantasia. Fôra vencido.

Os personagens, como disse mais acima e como julga a crítica, têm um sabor francês e uma maneira latina de viver seus dramas. Atalide opõe-se a Roxane como Andromaca opõe-se a Hermione e Bajaset opõe-se a Amurat como Britânico opõe-se a Nero. Ainda mais o amor de Bajaset e Atalide é tão puro quanto o de Berenice e Tito. Ora com tais personagens e com tais sentimentos reunidos em uma história BAJASET só poderia agradar, somada, ainda, a perfeição métrica de Racine, que com o tempo ia aumentando. "BAJASET" é pois, uma tragédia das mais puras, mais doloridas e mais, sanguinárias do mestre francês.

"Os belos desesperos", como diziam os contemporâneos do autor, que elle fez aparecer em quase todas as peças e o ponto alto desta, muito embora saiba ser sempre qualquer opinião suscetível ao gosto de cada pessoa. Mortos Roxane e Bajaset, Atalide desespera-se e desvairada pela dor clama contra todos. São deste final estes belos versos:

"Vous, de qui j'ai troublé  
la gloire et le repos,  
Héros, qui deviez tous  
revivre en ce héros,  
Toi, mère malheureuse, et  
qui das notre enfance  
Me confias son coeur dans  
une autre espérance,  
Infortuné Visir, amis dé-  
sespérés,

Roxane, venez tous, con-  
tre moi conjurez,  
Tourmanter à la fois une  
amante éperdue;  
Et prenez la vengeance en-  
fin qui vous est due"

E mata-se.

"BAJASET" foi a mais discutida tragédia raciniana e, malgrado a vitória da crítica cornéliana, ficou sendo uma das mais queridas.

A POSTERIDADE fala sempre mais sabiamente que uma ÉPOCA.

Yves Gandra da Silva  
Martins

"A CIDADE"

23-11-52

# A Obra Trágica de Racine

VIII — MITRIDATES

O dia 13 de Janeiro de 1673, marcou um dos maiores sucessos da vida literária de Racine, com a estreia de sua mais heróica tragédia, tendo no principal papel feminino La Champmeslé, sua amante, que na época era considerada uma das melhores atrizes dos palcos franceses.

"MITRIDATES" sucedeu aos violentos coloridos de "BAJASET" e as líricas paixões de "BERENICE" com uma tristeza tão majestosa, com uma heroicidade tão marcante e com um sentimentalismo tão sublime, que o próprio rei da França não teve dúvidas em dizer: "MITRIDATES" é uma peça encantadora; nela, o pranto esta-nos sempre presente e sempre presente esta-nos a admiração; vê-la trinta vezes simboliza achar a trigéssima representação mais bela que a primeira. "O enredo da obra é o seguinte:

"Mitridates" rei do Pontoi estándo em uma expedição contra os romanos, deixara Monime, sua noiva em Ninféia, porto do mar Bósforo, exercendo as funções de rainha. Um de seus filhos, todavia apaixonou-se pela rainha, sendo correspondido em seu afeto. O amor dos dois, porém era casto e nobre, pois ela respeitava o futuro esposo e ele o dedicado pai. Eis que, nesta altura da peça, correm notícias da morte do ingente lutador. Xifares, entre lágrimas, não tem então dúvidas em declarar seu amor por Monime, que, também chorando a morte do velho soberano, lhe diz de seus sentimentos. Fôra, contudo, falso o boato da desgraça suprema do famoso rei, que, mormente ter seu exército derrotado, volta vivo. Ao chegar em Ninféia velho, cansado e vencido, concede ainda um plano de invasão à Itália. Sabe, entretanto, com sua chegada do amor de filho com a noiva, amaldiçoando-se. Enquanto isto se passa, seu outro filho, Farnace, fingindo-lhe uma falsa amizade, atraiçoa-o, trazendo navios romanos para esmagar o resto das tropas do grande rei e matá-lo em seguida. Consegue ferí-lo de morte, mas o aparecimento de Xifares destrói seus planos, pois seu irmão vencendo os soldados romanos, vence-o também. Mitridates sentindo a morte abençoa os dois jovens amorosos, dizendo estar feliz por ter visto os romanos serem vencidos."

Racine sempre diferenciou-se de Corneille pelo caráter humano e simples com que imbuíu seus personagens. Corneille; heróico, vibrante e complexo, Racine é lírico, delicado e singelo. Em "MITRIDATES", todavia o poeta, em

estudo senão ultrapassou, ao menos igualou as melhores peças cornelianas no que se refere a heroicidade. A vida de um soberano oriental, que foi um dos mais perigosos inimigos de Roma, a rivalidade de dois filhos, dos quais um unido aos romanos e outro fiel ao pai, a personalidade de uma jovem princesa, esposa prometida ao velho monarca, são as cordas tangidas por Racine, que soube cobri-las com uma capa tão tristemente majestosa, que em todo o teatro clássico jamais poderia ser ultrapassado neste colorido verdadeiro, que segundo ele mesmo "faz o prazer de uma tragédia". "MITRIDATES" é soberbamente construída como fôra idealizada.

Sobre a versificação e sua beleza, sua arquitetura, seu valor, muito embora tenha prometido nesta série de artigos não mais tocar, devido a não existência de pontos fracos e devido a grandiosidade da obra do poeta venho, quebrando minha palavra, ressaltar não a obra "in totum", mas a pureza poética, a delicadeza de sentimentos e a sintese arquitetônica de dois versos, em que se resume toda a história. O primeiro é dito por Monime a Mitridates (III, 5) ao contar-lhe seu amor por Xifares.

"Nous, nous aimons... seigneur, vous châtiez de visage". O segundo quando o rei, às portas da morte, tornando-se para Xifares, perdendo-o diz-lhe: "Et mes derniers regards ont vu fuir les romains".

Bastariam estes dois versos para conhecer-se a verdadeira história da tragédia.

Como trecho de antologia, que tenho colocado em todas estas crônicas e que, senão são os melhores de cada peça, são ao menos os mais humanos, escolhi os versos ditos por Mitridates moribundo em continuação àquele citado em cima.

"A mon fils Xipharcéis je dois cette fortune: Il épargne à ma mort leur présence importune. Que ne puis-je payer ce service important De tout se que éclatant! Mais vous me mon trône eut de plus tenez lieu d'empire, de couronne; Vous seule me restez; souffrez que je vous donne, Madame; et tous ces vœux que j'exigeais de vous, Mon cœur pour Xiphares vous les demande tous."

"MATRIDATES" é, malgrado algumas mudanças históricas de não muita monta mas não perdoadas pela crítica, uma das tragédias mais queridas não só de Racine, como também de todo o teatro clássico.

YVES GANDRA DA SILVA MARTINS

A

CIDADE

30/11/52

# A Obra Trágica de Racine

IX — IFIGENIA

"Jamais Iphigénie eu Aulide immolée

N' eût tant de pleurs à la Grèce assemblée

Que, dans l'heureux spectacle à nos yeux étalé

En a fait sous son nom verser la Champmeslé".

Foi com estes versos que Boileau, o imortal autor da "ARTE POETICA" e de "LUTRIN", saudou, em 1764 a estréia triunfal de "EFIGENIA", no palco de Versailes, peça esta que viria a obter, em 1765, successo sem precedentes no Hotel de Bourgogne.

Racine, mais uma vez, buscou na mitologia grega assunto para sua obra e, mais uma vez, foi Eurípedes a trilha fantástica e humana, que seguiu para a concepção da nova tragédia. Aliás dos assuntos escolhidos pelo poeta é este, senão o mais nobre, ao menos aquêle em que maior número de reis apparece e todos reis da mais alta estirpe guerreira e do maior renome em terras helênicas. Razão, talvez, seja porque Goethe, Gluck, Moreas, gênios da era moderna, tenham, também em seus trabalhos, procurado mostrar ao público tão reallesco e dramático tema. Eillo em resumo:

"Precisando de bons ventos, para com seus nâvios atacar Troia, Agamenom, rei Atrida e chefe supremo das forças gregas, que buscavam a fortificada Ilion, resolve, incitado por uma profecia de Calchas, que exigia a morte de uma nobre Efigénia, sacrificar sua filha. Ifigénia, com sua mãe, sem conhecer o mal que lhe pesa sôbre a cabeça, vem para Aulis, lugar onde se cumpriria o pedido divino. Em chegando, seu pai faz-lhe sabedora da triste noticia e ela resignadamente se conforma com a dolorida sina. Não se conformam, porém, seu noivo Aquiles e sua mãe Clitemestre que procuram de tôdas as maneiras desfazer o poder da profecia. Entrementes Erifila, filha de Helena e Teseu e apaixonada de Aquiles, deseja com tôdas as forças que se cumpra o exigido, para que Aquiles fique seu. E assim a cena apresenta-se: de um lado Agamenon e Erifila clamando a morte de Ifigénia do outro Aquiles e Clitemestre procurando salvá-la, enquanto

um 5.º personagem, que chamava-se Ulisses e era rei de Itaca tenta chegar a uma conclusão pacifica entre os dois bandos. Nada consegue, pois Ifigénia é levada ao carrasco para o sacrificio. Mas... so momento em que o golpe deve cair sôbre o peito da virgem, descobre-se o verdadeiro nome de Erifila, que é Ifigénia e por ser ela descendente direta da causadora da guerra é morta."

"IFIGENIA", malgrado a magnificiência do enredo, a delicadeza dos versos, a suntuosidade do cenário, o successo da estréia e o elogio da crítica, não é a tragédia ideal nem mesmo, diria merece o nome de tragédia. Como já acontecera com "ALEXANDRE" e como acontecerá com "ESTER" "IFIGENIA" é apenas uma bela peça teatral, um drama pungente e uma obra agradável, mas tragédia isto é que não. Nela se tragédia houve foi a da pobre Erifila, mulher amante, ciumenta e infeliz que no fim paga pelos seus crimes e pelos crimes de todos os outros personagens que vivem uma história negra no transcorrer, mas rósea no término. Enfim, não é das melhores obras do mestre francês muito embora não esteja em plano inferior a nenhuma das outras em arquitetura métrica, desenrolar temático e dramaticidade humana. Falta-lhes apenas para ser uma obra prima, como foram as demais, um fecho de ouro.

Dos mais belos versos são os ditos por Ifigénia, quando chega a Aulis, ao pai, que se lhe esquia da saudação.

"Seigneur, où courez-vous? et quels empressements

Vous déroberent sitôt à nos embrassements ?

A quis dois-je imputer cette fuite soudaine ?

Mon respect a fait place aux transports de la Reine.

Un moment à mon tour ne vous puis-je arrêter ?

Et ma joie à vos yeul n'ose-t-elle éclater ?

Ne puis-je... "

"Ifigénia," em rltima análise, é uma obra de Racine das mais realesças e humanas, sem, contudo, merecer o nome de tragédia mas sim aquêle que uma vez Corneille dera ao "CID": TRAGI-COMEDIA.

Yves G. da Silva Martins

A

CIDADE

7, 12, 52

# A. Obra Trágica de Racine

## X — FEDRA

O fim da carreira dramática de Racine deu-se, em 1677, com a encenação de "FEDRA", que sendo sua melhor tragédia, constituiu-se na maior desilusão de toda sua vida. Foi um fracasso.

A duquesa de Bouillon, sobrinha de Mazarin e amiga de Molière tomada de ódio por Racine ao saber da feitura de "FEDRA", induziu um fraco poeta chamado Pradão a compor também uma peça com o mesmo assunto. Estando pronta as duas obras, comprou a duquesa todas as entradas das seis primeiras representações de ambas e conseguiu, graças ao muito dinheiro gasto com platéias pagas, fazer o triunfo inesperado e esmagador da de Pradão sobre a de Racine.

Racine, todavia, não se conformou e senão conseguiu a vitória de sua tragédia durante o século XVII, tombou, contudo, lutando e lutando nobremente. Este fracasso, porém, fez com que abandonasse a carreira teatral, malgrado alguns críticos modernos estarem querendo ver no silêncio, que seguiu-se a apresentação de "FEDRA", ou ter Racine tornando-se historiador ou, então, a tentativa de almejar novamente a paz com Port-Royal, cidade com que estava em desentendimentos desde a juventude.

O enredo de "FEDRA" é o seguinte:

"Tendo Teseu descido aos infernos, deixou elle sua esposa Fedra na cidade Trezena. Esta, entretanto, apaixonou-se perdidamente pelo filho do marido com Antiope, o qual não correspondeu ao amor, por não querer enganar o pai e por amar outra mulher Aricie, princesa do sangue real de Atenas. Correndo o falso boato da morte de Teseu, Fedra quiz, utilizando de seus poderes reais, obrigar Hipólito a casar-se com ella, o que lhe nega o devotado filho de um devotado pai. Desesperada a rainha começou, então, a odiá-lo e com a volta do esposo, temendo que lhe contasse tudo, accusou Hipólito de ter lhe feito cômte. Cego pela cólera, Teseu amaldiçoou o filho, que, vítima da fúria paterna, morto foi por Neptuno. Sabedora do cruel destino de Hipólito, Fedra envenenou-se, contando, porém, a verdade ao rei, que chorando a própria desgraça jurou tratar a noiva de seu descendente pelo sangue e pela honra como se fosse sua filha.

"FEDRA" é das tragédias

racinianas a mais dramática, a mais perfeita e a mais espontânea.

E, diríamos nós talvez ousadamente, a verdadeira obra. Fedra e Hipólito perdem cês. Basta-nos, para provarmos o que dissemos, accentuar dois aspectos interessantes, entre os muitos existentes, sobre a extrema diversidade de paixões unidas numa só peça.

Primeiramente vejamos o número de vítimas da obra. Fedra e Hipólito perdem a vida, Teseu o filho, esposa, Aricie o noivo e a Grécia um futuro heróico rei. Ora, assim sendo, todos os personagens principais sofrem o efeito de uma irremediável tragédia. E', pois, no dizer de Aristóteles a respeito da mais trágica peça, o verdadeiro teatro dramático em que o destino supera o homem.

Tomemos agora, como segundo aspecto, um angulo differente, ou seja o indice do despertar de sentimentos no leitor ou ouvinte. Fedra e Teseu causam-nos indignação e piedade, entretanto a indignação e piedade que em nos causa é diversa da que outro. A indignação contra Fedra é directa a sua própria pessoa, enquanto a contra Teseu é dirigida ao cruel destino. A piedade, que nos causa a rainha, é fruto de sua fraquesa e amor, e a que o rei, é filho de sua honra quase doentia.

Ora, apenas estes dois exemplos bastariam para demonstrar da enorme "unidade-dispersiva" enquadrada nesta obra, única, portanto, no teatro universal.

Dos trechos de antologia destacamos as últimas palavras ditas por Fedra a Teseu:

"Les moments me sont chers, écoutez-moi, Thésée.

C'est moi qui sur ce fils chaste et respectueux

Oserai jeter un oeil profane, incestueux.

Le ciel mit dans mon sein une flamme funeste;

La détestable Oenone a conduit tout le reste.

Elle a craint qu'Hippolyte, instruit de ma fureur,

Ne découvrit un feu qui lui faisait horreur.

La perfide, abusant de ma faiblesse extrême,

S'est hâtée à vous yeux de l'accuser lui-même.

Eis hoje o contraste majestático de duas gerações separadas pelo tempo e pela cultura: "FEDRA", embora desprestigiada pelo publico, é considerada a obra-prima de Racine.

Yves G. da Silva Martins

"A

Cidade"

14 - 12 - 52

# A Obra Trágica de Racine

XI — ESTER

Após 12 anos de silêncio teatral, me apraceu Racine, no cenário literário francês, com a tragédia tirada das escrituras sagradas, "ESTER" composta a pedido da rainha, Mm. de Maintenon, para "As Filhas de S. Luís", instituição mantida pela primeira dama francesa.

A representação inicial teve lugar em "Saint-Cyr", no dia 26 de Janeiro de 1689, frente ao rei e alguns privilegiados da Côte. "O rei achou-a admirável, escreveu Mme. de Sevigné, sendo que o príncipe chorou". Com estas palavras parece bem definido o sucesso inaugural desta peça. Muitos críticos elogiaram-na e até mesmo o trabalho da artista principal, Mme. De Caylus, foi considerado excelente, superior, diziam eles, ao que possivelmente faria La Champsmelé. Foi exagero, bem sabemos, como também sabemos que foi exagero o valor atribuído a obra. Vejamos, porém, primeiramente o resumo da história.

"Ester era uma bela judia, por quem o soberano por sa apaixonou-se, feita, por esta razão, rainha. Mas sua religião sempre interpunha-se contra os acessos sanguíneos do marido, procurando ela, com bondade, carinho e dedicação amenisar este temperamento cruel. Uma vez o rei Assuerus, instigado pelo visir Aman, resolveu, para umas festas que preparava, mandar trucidar todos os israelitas de Suse, onde fôra construído o palácio real. Estes, entretanto, muito embora estivessem resignados a morrer, vieram implorar à Ester sua salvação, que ela conseguiu, lutando com doçura contra o rancor de Aman. Salvo seu povo e morto Aman, recebeu Ester a consagração Israel."

Eis o enredo de "ESTER",

sem valor, sem dramaticidade, sem contextura.

O entrecho pagão, pleno de paixões, heroísmos e vinganças prestava-se no teatro clássico, muito mais a tragédia que o das escrituras santas, geralmente demais puros, demais simples, demais doces. O personagem pagão luta contra o destino até suas últimas forças e procura eternamente vencê-lo, ainda mesmo quando tem um carácter reto, nobre e próbio, pois teme-o. O personagem religioso da Bíblia, luta diferentemente contra o destino. Sem ter forças bastante para tentar a vitória, luta por "desencargo de consciência", sabendo-se sempre vencido. Se vence, não é pelo próprio valor, se perde crê que terá sua recompensa porque lutou. Assim, perante a morte, o pagão é titânico, heroico, resignado, enfraquecido. Ora, desta maneira, o enredo pagão presta-se muito mais ao drama que o religioso.

Esta é a situação de "ESTER". É uma obra de história da sagrada escritura. Tem, por conseguinte, a sua parte dramática já semi-obscura. Se, todavia, fosse o assunto, ainda assim, bastante sangrento, poderia despertar nos ouvintes sentimentos de piedade, dor ou ódio. Mas tal não acontece, pois além de sagradamente pura, tem "ESTER" como fecho um final róseo, lírico e satisfatório, com a salvação de todos os personagens bons e a condenação dos maus. É, enfim, uma peça, que, entre as obras teatrais de Racine, coloca-se no mesmo plano de mediocridade em que está "ALEXANDRE", sobrepujando aquela a delicadeza dos versos e na simplicidade do desenvolvimento, mas sendo continua na 9.a pagina

## A OBRA TRAGICA DE

continuação da 8.a pag.  
vencida na dramaticidade das ações.

Dos mais belos versos, são aqueles ditos por Assuerus ao tio de Ester, ao finalizar a peça:

"Mortel chéri du ciel, mon salut et ma joie,

Aux conseils des méchants ton roi n'est plus es proie.

Mes yeux sont déssillés, le crime est confondu.

Viens brilhar près de moi dans le rang qui t'est dû.

Je te donne d'Aman les biens et la puissance

Possède justement son injuste opulence."

"ESTER" é a única tragédia sem tragédia, composta por Racine.

Yves G.S. Martins

"A Cidade"

21-12-52

# A Obra Trágica de Racine

XII — Atalia

A última tragédia de Racine, escrita a pedido da rainha para "Saint-Cyr" e cujo enredo naturalmente fôra tirado da Escritura Sagrada, obteve, senão um sucesso total, ao menos um sucesso ecclético, desde que sua 1.ª apresentação efetuou-se perante o rei e selecionado auditório em 5 de Janeiro de 1691, sendo que apenas 25 anos depois foi encenada publicamente, sem ter vencido integralmente. A posteridade, todavia, deu-lhe o merecido lugar entre as grandes obras teatrais do repertório mundial.

O assunto de "ATALIA" poderá facilmente ser encontrado no Velho Testamento, pois Racine seguiu as pegadas religiosas com bastante precisão. É o seguinte:

"Atalia, rainha impiedosa de Judá, após ter matado seus descendentes, sonha que um seu neto fôra salvo de sua ira sanguinária e que êle a destronaria. Temendo, pois, a realização do pesadelo, ordena ela que seja procurado pelo reino este seu possível sucessor, para que assim, matando-o, possa continuar com o cetro. Descoberto que foi o neto, os soldados da soberana nada puderam fazer, porque êle estava no templo de Jerusalém, sob a tutela do supremo sacerdote Joad e da sacerdotiza Josabet. A rainha ao saber da notícia, não se conforma e resolve invadir o templo. Os sacerdotes, por sua vez, em conhecendo as intenções de profanação, preparam-se para a defesa. Quando, entretanto, a luta é travada e a Casa de Deus invadida, o rei menino Joas aparece e os guerreiros do reino, estonteados perante sua realeza e audácia, além de supersticiosos pela santidade do lugar, voltam-se contra Atalia, que morre nas mãos de seus homens e de seu povo, o que tanto fôra por ela pisado."

Parece-nos que Racine, ao compor "ATALIA", que de muito ultrapassa "ESTER", quer pelo estilo, quer pelo enredo, quer pela dramaticidade, quiz introduzir na tragédia sagrada todos os conflitos passionais da profana, com exceção, como é natural, o de amor, fazendo assim uma obra que desperta no leitor ou ouvinte todos os sentimentos que a verdadeira tragédia deve despertar. É uma nova técnica teatral introduzida na santificação das representações religiosas. É novidade.

A luta verdadeiramente falando, desta tragédia é travada não entre a velha Atalia e o jovem Joas, mas entre a velha Atalia e o velho Joad, e que é um conflito de sentimentos exalta-

dos, uma oposição de dois caracteres igualmente passionais e um combate entre dois gigantes experimentados. O sacerdote fanático e a rainha sacrilega, sabem que sómente a morte de um deles poderá assegurar a vida do outro e por isto procuram a eliminação mútua. São dois adversários dignos um do outro e esse a vitória sorriu para um, o outro não a merecia de menos. Foi a intervenção divina que pende a balança para Joad, por ser êle melhor nas ações que Atalia, e não o mérito maior de um deles. Joad foi grande no triunfo, mas Atalia não o foi menor na derrota.

Os versos de "ATALIA" são provavelmente os mais puros e profundos compostos por Racine, sem queermos dizer que são os melhores. Os de "FEDRA" são menos puros e profundos, porém são os mais ardorosos e apaixonantes; os de "MITRIDADE" são menos ardorosos e apaixonantes, porém são os mais majestosos e sublimes; os de "BERENICE" são menos majestosos e sublimes, porém são os mais delicados e amorosos; os de "BRITANICO" são menos delicados e amorosos, porém são os mais trágicos e dolorosos. Ora, assim sendo, é o temperamento de cada leitor que poderá falar dos versos, os que mais lhe tocam. Voltando, entretanto, a "ATALIA", temos na sua arquitetura métrica a obra prima racional e poética de Racine. Não há falha ou cena imperfeita. Tôdas são grandes, tôdas são belas, tôdas são divinas, razão pela qual tivemos dificuldade na busca de um entrecho de antologia. Escolhemos, como temos escolhido até aqui, as últimas palavras ditas pelo herói, que no caso é Atalia.

"Dieu des Juifs, tu l'emportes !  
en vain à me tromper.

Oui, c'est Joas, je cherche  
Je reconnois l'endroit où  
je fis frapper;

Je vois d'Okosias et le port  
et le geste:

Tout me retráce enfin un  
sang que je déteste.

David, David triomphe;  
Achab seul est détruit.

Impitoyable Dieu, toi seul  
as tout conduit."

"ATALIA" é hoje, malgrado a rigidez dos costumes, a falta do decôro e a inexistência de espectadores estranhos, uma das mais queridas tragédias racinianas, sendo, entre aquêlas pessoas, que já viveram a vida quase inconsciente, mas batalhadora dos jovens, a obra preferida. Procura dividir a glória que os moços de todo o mundo oferecem a "FEDRA" e talvez a esteja conseguindo.

Yves Gandra da S. Martins

"A

Cidade"

28 - 12 - 52